

cípios legais, o que impede a visibilidade dos sistemas de privilégio. Isso pode ocorrer em função da legalização de sistemas de exclusão racial ou por meio da completa negação da existência de quaisquer relações entre o privilégio branco e a opressão negra. Se a maior parte dos países do mundo aboliram a primeira prática nas últimas décadas, a segunda continua sendo a forma a partir da qual o sistema de privilégio racial se reproduz. Ao reduzir a discussão de ações afirmativas ao problema do uso da raça como critério de tratamento diferenciado, ao afirmar que grupos raciais devem ser tratados da mesma forma em função da irrelevância social dessa característica, ao ignorar as relações entre raça e classe, nosso sistema jurídico impede o reconhecimento das formas como relações assimétricas de poder perpetuam a opressão e também o privilégio. Vemos aqui um dos problemas principais com as noções de intencionalidade e arbitrariedade, elementos que a doutrina tradicional diz ser essenciais para a identificação da discriminação: esses elementos não precisam estar presentes dentro de uma sociedade na qual estruturas de privilégio têm caráter sistêmico.<sup>211</sup>

211 WILDMAN, Stephanie; DAVIS, Adrienne. Making systems of privilege visible. In: WILDMAN, S. (Ed.). *Privilege revealed: how invisible preference undermine America*. Nova York: New York University Press, 1996, p. 7-16.

# A TEORIA DAS MICROAGRESSÕES

# 11

**Teorias tradicionais de discriminação partem do pressuposto de** que atos discriminatórios envolvem algum aspecto jurídico, que ocorrem entre pessoas que possuem *status* social distintos e que se expressam por meio de ações que podem ser consideradas incorretas porque estão baseadas em critérios de tratamento diferenciado legalmente proibidos. Recentemente, alguns autores identificaram outro tipo de tratamento desvantajoso cujas características não se enquadram nesses parâmetros. Ela encontra fundamento em um estudo que caracteriza o racismo como um problema de saúde pública porque ele determina as atitudes de populações inteiras, reproduzindo uma série de práticas sociais que impedem a criação de uma cultura pública igualitária. Em um estudo clássico, Charles Pierce argumentou que o racismo é uma doença infecciosa, uma doença perceptiva e uma doença letal. Seu aspecto infeccioso se manifesta nas articulações feitas por membros do grupo racial dominante para manter privilégios, o que requer a constante reprodução de estereótipos sobre minorias raciais. O racismo rapidamente se torna uma forma de ligação entre esses indivíduos permitindo que eles se reconheçam como pessoas que possuem interesses comuns. Ele também tem um aspecto perceptivo porque a busca de seus próprios interesses faz com que pessoas brancas tenham uma percepção do mundo essencialmente diferente da dos membros de minorias raciais. Estereótipos raciais obscurecem as razões pelas quais grupos sociais estão em posições sociais distintas e porque elas os afetam de forma distinta. Além disso, o racismo possui um aspecto letal porque as pessoas são mortas por causa dele, uma vez que ele gera uma série de problemas que tornam minorias raciais particularmente vulneráveis.

Mas o racismo não encontra expressão apenas em formas violentas de tratamento de grupos raciais minoritários. Ele é uma prática social que possui uma dimensão ideológica sempre reproduzida por estereótipos presentes nas representações culturais e também nas interações sociais. Ele também se manifesta por meio de formações culturais que supostamente não representam a intenção de desprezar ou aviltar certas classes de pessoas, embora produzam exatamente esse efeito

pernicioso. Estamos falando aqui de pequenas atitudes que permitem a constante reafirmação das assimetrias de *status* social entre grupos. Muitas dessas expressões de racismo são inconscientes, têm um caráter automático, além de serem constantemente reproduzidas. Charles Pierce as chama de *microagressões*, que é quando os diversos tipos de comportamentos de membros do grupo racial dominante expressam atitudes de desprezo por membros de minorias raciais embora esses tipos de comportamentos não assumam a forma de violação de normas jurídicas. Mesmo não veiculando diretamente ódio racial por essas pessoas na maior parte das vezes, elas possuem um caráter cumulativo e corriqueiro, fazendo com que sejam um dos motivos principais de conflitos sociais. O autor caracteriza essas microagressões como comportamentos que expressam um sentimento de superioridade de brancos em relação a negros, o que os leva a pensar que eles podem controlar negros da forma que acharem adequadas porque eles não são agentes que podem atuar na esfera pública da mesma forma que pessoas brancas. Essa atitude mental legitima uma série de ações cujo sentido podem não configurar uma atitude discriminatória no seu sentido legal, mas que expressam descaso por membros desse grupo, o que reforça o sentimento de que apenas pessoas brancas podem ocupar cargos de prestígio, noção que tem consequências materiais concretas. Microagressões estão presentes não apenas na fala e nos gestos, mas também nas representações culturais que reproduzem ideias e imagens sobre a suposta inferioridade de minorias. Além disso, elas encontram expressão na própria invisibilidade de grupos minoritários, motivo pelo qual os membros do grupo racial dominante são transformados em uma referência cultural universal.<sup>212</sup>

As pesquisas conduzidas por Pierce foram corroboradas por uma série de estudos posteriores sobre psicologia social. Eles demonstram que o racismo aberto encontra pouca tolerância social nos dias de hoje, mas pensamentos e representações negativas sobre minorias raciais ainda influenciam largamente o comportamento da vasta maioria das pessoas. Por esse motivo, essas microagressões são geralmente de caráter consciente ou inconsciente que expressam mensagens hostis, derogatórias e negativas sobre grupos minoritários. Alguns autores dizem que elas são uma nova forma de racismo que adquiriu agora uma dimensão simbólica ou aversiva. A primeira forma expressa a continuidade de representações ne-

212 PIERCE, Charles. Psychiatric problems of the black minority. In: ARIETI, S. (Ed.). *American handbook of psychiatry*. Boston: Basic Books, 1974. p. 512-514.

gativas de grupos, a segunda designa um tipo de racismo que se apresenta em uma sociedade que abraça ideais igualitários, mas também valores negativos sobre grupos. Isso permite a reprodução de comportamentos que determinam o tratamento de grupos minoritários. Microagressões são insultos sutis dirigidos a minorias que expressam padrões segundo os quais as pessoas são desconsideradas e menosprezadas, o que acontece na forma de olhares de desprezo, gestos que expressam condescendência, recusa de tratamento com a devida deferência ou opiniões já estruturadas a partir de estereótipos. Essa forma de discriminação causa um tipo de dano a pessoas porque comprometem o desempenho e a confiabilidade que elas têm em si mesmas. Como essas microagressões são cotidianas e acontecem em um número considerável de relações sociais, elas comprometem a saúde mental dos indivíduos, o que tem repercussões em diversas áreas da vida pessoal.<sup>213</sup>

O estudo das microagressões é importante porque demonstra como formas sutis de racismo também permitem a reprodução da exclusão social, embora permaneçam invisíveis aos olhos da sociedade. Microagressões são mensagens que circulam dentro de uma sociedade e que veiculam estigmas sobre grupos. É o caso do empregador que pediu para Fabiana para alisar o seu cabelo porque melhoraria a aparência dela, uma demonstração de que a aparência das mulheres negras é supostamente desagradável para muitas pessoas. As piadas dirigidas a Cristiano exemplificam esse problema. Essas microagressões podem não ser expressas de forma direta, mas motivam atitudes que têm o mesmo efeito que atos manifestos de discriminação. Esses estereótipos passam a comunicar supostas verdades que informam o comportamento de todas as pessoas, até membros dos grupos minoritários que podem passar a se perceber e a tratar outros membros a partir deles. A prevalência desse problema faz com que essas pessoas se sintam paralisadas ou impossibilitadas de encontrar motivação para poder criar e atingir planos, uma vez que a sociedade constantemente reproduz mensagens que repetem a noção de que elas não são capazes de operar dentro da comunidade como atores competentes. Como nem todas as pessoas negras conseguem criar mecanismos psicológicos para superar esses problemas, elas desenvolvem um sentimento de incapacidade que dificulta ou impede a adaptação social.<sup>214</sup>

213 SUE, Derald Wing *et al.* Racial microaggressions in everyday life: implications for clinical practice. *American Psychologist*. v. 62, n. 4, p. 271-273, 2007.

214 PEIRCE, Charles, *op. cit.*, p. 520-523.

Microagressões podem se manifestar na forma de *microassaltos*, *microinsultos* e *microinvalidações*. A noção de *microassalto* designa um tipo de ato derogatório de natureza verbal ou não verbal que tem o objetivo de ofender alguém por diferentes formas. Isso pode acontecer pelo uso de termos racistas, por meio de comportamentos que pretendem evitar interação racial ou atos claramente discriminatórios. Um *microassalto* acontece quando alguém utiliza palavras de caráter derogatório para se referir a alguém ou termos que desconsideram a especificidade da identidade cultural de uma pessoa. Isso ainda se manifesta quando pessoas mantêm distância física, deixam de estender a mão, ignoram a presença de alguém ou dão tratamento preferencial para brancos. Esses incidentes geralmente acontecem em ambientes privados, o que possibilita o anonimato dos autores desses atos.

Um *microinsulto* designa um tipo de comunicação que expressa atitudes negativas de um membro do grupo racial majoritário em relação a minorias. Quase sempre, essas comunicações expressam insensibilidade ou desprezo pela identidade racial ou étnica de uma pessoa. Embora o conteúdo ofensivo dessas mensagens não seja percebido pela pessoa que a enuncia, ele certamente ofende a pessoa à qual é dirigido. Perguntar como uma pessoa negra conseguiu um emprego pode soar como algo desprovido de conteúdo discriminatório, mas, devido aos estereótipos sobre a capacidade intelectual de grupos minoritários, essa pergunta adquire um aspecto ofensivo porque expressa um questionamento da presença de uma minoria racial em uma determinada posição.

A situação de Geni, mencionada na introdução, é outro exemplo claro do que estamos falando: uma mulher branca se aproxima dela e diz, supostamente em tom jocoso, que ela deveria ter muitos macaquinhos em casa por causa do número de bananas que ela estava comprando. As *microinvalidações*, por outro lado, são formas de comunicação que procuram excluir, negar ou nulificar a relevância da experiência, das opiniões, dos estados mentais e sentimentos de minorias raciais. Assim, quando algum membro de uma minoria expressa uma experiência de discriminação, pessoas brancas tendem a negar ou a ignorar suas conotações racistas, afirmando que a percepção do evento está equivocada.<sup>215</sup>

Mais recentemente, estudiosos de outras áreas passaram a utilizar o conceito de microagressões para analisar a experiência de outros grupos sociais, principalmente o caso de minorias sexuais. Da mesma forma que minorias raciais, esses indivíduos sofrem uma série de pequenas

215 SUE, Derald Wing et al., *op. cit.*, p. 274-275.

indignidades que têm um efeito cumulativo. Elas são motivo de grande estresse mental para aqueles que vivem em uma sociedade na qual a heterossexualidade é uma forma de identidade normativa. Mas, como a discriminação tem um caráter específico, ela atua de acordo com traços de grupos. As microagressões dirigidas a minorias sexuais são distintas daquelas sofridas por minorias raciais. Lisa Platt e Alexandra Lenzen enumeram uma série de elementos que afetam a experiência diária dessas pessoas que não expressam sua orientação sexual ou identidade de gênero de forma convencional. Esses indivíduos são sempre classificados como pessoas que possuem uma sexualidade exacerbada, o que os reduzem a pessoas movidas apenas pelo desejo sexual. Eles também são vítimas frequentes de agressões verbais, produto da homofobia presente na sociedade. Mais do que isso, a linguagem expressa uma cultura heterossexual na qual minorias sexuais não encontram expressão. O medo irracional de homossexuais é um dos motivos por trás da representação da homossexualidade como algo contagioso, imagem baseada na ideia de que homossexuais estão sempre empenhados em um esforço de doutrinação. Microagressões contra minorias sexuais tomam a forma da representação dessas pessoas como violadoras de vontade divina, o que complementado com a percepção de que são pessoas psicologicamente desequilibradas. De forma similar ao que acontece com membros do grupo racial majoritário, heterossexuais que engajam nesse tipo de ato discriminatório frequentemente negam intenção de ofender ou homofobia.<sup>216</sup>

Membros de minorias sexuais sofrem microagressões diariamente em função da presunção da universalidade da heterossexualidade, pessoas heterossexuais sentem-se livres para fazer comentários homofóbicos, principalmente quando estão diante de pessoas cujo comportamento não corresponde aos estereótipos sobre homossexuais. Essa forma de discriminação também se manifesta pela constante circulação de imagens culturais que reforçam a noção de que a heterossexualidade representa a normalidade, o que sempre afirma a diferença de minorias sexuais. Se a primeira manifestação de microagressões contra minorias sexuais pode ser apontada como um exemplo de *microassalto*, a segunda certamente constitui uma *microinvalidação*, porque sempre reproduz a noção de que homossexuais e relações homossexuais possuem menor valor ou valor nenhum. Microagressões contra homossexuais podem

216 PLATT, Lisa; LENZEN, Alexandra. Sexual orientation microaggressions and the experience of sexual minorities. *Journal of Homosexuality*, v. 60, n. 6, p. 1113-1115, 2013.

se manifestar pela recusa de interação social, de proximidade física, de fazer parte de grupos ou atividades com pessoas homossexuais, de ouvir quaisquer coisas relacionadas com a vida privada de pessoas homossexuais e também a diminuição da relevância e a extensão da discriminação contra homossexuais.

Se a discriminação direta tem um impacto negativo no *status* material de minorias, as microagressões prejudicam a saúde mental desses grupos. A introjeção dos sentidos sociais negativos em relação à homossexualidade faz com que indivíduos homossexuais incorporem consciente ou inconscientemente a condenação social. Mais do que impedir a formação de uma visão positiva do indivíduo em relação a si mesmo, a internalização de valores homofóbicos causam um processo de desestruturação do próprio psiquismo. Muitos indivíduos vivenciam um processo de dissonância mental entre as referências culturais internalizadas e a realidade pessoal de uma sexualidade dissidente. O impulso de esconder a identidade sexual não apenas expressa uma tentativa de evitar sanções culturais, mas também indica a experiência da vergonha social de ser homossexual, de uma falha individual de viver de acordo com ideais sociais. Esse sentimento tem consequências negativas em diversos aspectos da vida de uma pessoa, processo que afeta a qualidade dos relacionamentos interpessoais, dos relacionamentos amorosos, da performance profissional, além de facilitar o desenvolvimento de problemas mentais.<sup>217</sup> O risco de suicídio é uma das consequências mais significativas do sentimento de estigmatização sofrido por homens e mulheres homossexuais. Pesquisadores apontam uma série de fatores responsáveis pela alta presença de tendências suicidas entre membros desse grupo social: isolamento social causado por experiências de discriminação, conflitos com pessoas próximas em função da orientação sexual, sentimento de alienação social decorrente da dificuldade de formar laços afetivos, ausência de suporte social e internalização de estigmas sociais.<sup>218</sup> Como mostra a equipe de pesquisadores liderada por Abelson, a ideação suicida e as tentativas reais de suicídio também são fenômenos mais comuns entre adolescentes homossexuais em função dos problemas mencionados, sendo que pelo menos um em cada três

217 ALLEN, D. J.; OLESON, T. Shame and internalized homophobia in gay men. *Journal of Homosexuality*. v. 37, n. 3, p. 33-43, 1999.

218 ABELSON, Jeanne *et al.* Factors associated with "feeling suicidal: the role of sexual identity, In: HARCOURT, J. (Ed). *Current issues lesbian, gay, bisexual and transgender health*. Nova York: Harrington Park Press, 2006. p. 59-77.

jovens que sentem atração por pessoas do mesmo sexo consideram a possibilidade de pôr fim à própria vida. A maior incidência de pensamentos suicidas entre adolescentes homossexuais tem sido identificada em estudos em diferentes países, o que demonstra a importância de iniciativas que enquadrem o estresse associado com a identidade sexual como um problema de saúde pública.<sup>219</sup>

As consequências psicológicas da homofobia aumentam quando ela se alia a outros sistemas de opressão social. Essa tem sido a experiência de minorias dentro de minorias, grupo que precisa enfrentar o desprezo social dirigido a homossexuais como também os problemas decorrentes da discriminação racial. Aqui temos uma série de ramificações relacionadas com a experiência de racismo dentro da sociedade e também dentro da comunidade homossexual. Embora sejam pessoas expostas ao tratamento arbitrário por serem homossexuais, homens e mulheres brancos são socializados segundo os parâmetros que impõem a hegemonia branca. Isso significa que eles reproduzirão esses preconceitos contra grupos minoritários dentro do seu próprio grupo. Certos pesquisadores demonstram que minorias raciais experimentam mais discriminação dentro da comunidade homossexual do que na comunidade heterossexual. Embora os estereótipos operem de forma diferenciada em relações aos diferentes grupos raciais, todos esses grupos afirmam que o preconceito racial por parte de homossexuais brancos é mais frequente do que por parte de heterossexuais brancos. Dessa forma, a vivência de dupla forma de preconceito aumenta ainda mais o sentimento de inadequação social entre essas pessoas, tornando a aceitação pessoal um processo ainda particularmente problemático.<sup>220</sup> Mais problemático, a conjunção de discriminação racial e discriminação por orientação sexual dificulta o acesso a oportunidades educacionais e profissionais, transformando a

219 Os altos índices de suicídio entre jovens homossexuais aparece em estudos desenvolvidos em diversos países. O problema tem sido regularmente estudado nos Estados Unidos, sociedade na qual o problema da homofobia produz inúmeras vítimas. Ver: BUTTON, Deena M.; O'CONNELL, Daniel; GEALT, Roberta. Sexual minority youth victimization and social support: the intersection of sexuality, gender, race, and victimization. *Journal of Homosexuality*. v. 59, n. 1, p. 18-43, 2012; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio entre adolescentes com práticas hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*. v. 21, n. 3, p. 2012.

220 HAN, Chong-Suk; PROCTOR, Christopher; CHOI, Kyung-Hee. I know a lot of gay Asian men who are actually tops: managing and negotiating gay racial stigma. *Sexuality & Culture*. v. 18, n. 2, p. 219-234, 2013.

homofobia em um mecanismo de estratificação social.<sup>221</sup> O temor de uma dupla forma de discriminação leva homossexuais a contrair casamento com pessoas do sexo oposto, enquanto ainda mantêm relacionamentos sexuais com pessoas do mesmo sexo, uma situação que compromete a saúde mental dessas pessoas por estarem em relacionamentos que não proporcionam real satisfação pessoal.<sup>222</sup>

221 MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*. v. 14, n. 1, p. 103-116, 2006.

222 Certos grupos são ainda mais forçados a utilizar esse subterfúgio para evitar duplas formas de discriminação como é o caso de homossexuais que também são membros de minorias raciais. Ver: BOIKYN, Keith. *Beyond the down low: sex, lies and denial in Black America*. Nova York: Carroll & Graff, 2004.

# DISCRIMINAÇÃO E ESTRATIFICAÇÃO

# 12